

UMA VISÃO PARA O FUTURO DA BIODIVERSIDADE NA ÁFRICA

Para obter mais informações, visite
www.abcg.org



Biodiversidade continua a ser a base fundamental para o desenvolvimento da África, e sustenta o bem-estar das gerações actuais e futuras. Com a crescente demanda humana por recursos naturais, e infra-estrutura institucional inadequada, no entanto, a África tem testemunhado a destruição e degradação de vastas áreas naturais, incluindo florestas, savanas, zonas marinhas e de água doce. Ainda assim, na África existem áreas extensas onde o habitat permanece relativamente intacto, e a África possui grande parte da biodiversidade e dos recursos naturais do mundo. No entanto, as alterações climáticas, o crescimento contínuo da população em até o fim do século passado, e a globalização do comércio representam sérias ameaças para o futuro. Mas há também oportunidades à aproveitar; partindo das abordagens actuais bem sucedidas para a conservação da biodiversidade, bem como inovações, para tomar medidas urgentes e renovadas. Para a grande maioria de africanos, a biodiversidade representa o único sustento que não pode mais ser ignorado.

Ao ano 2025, a degradação ambiental e a perda da biodiversidade na África têm sido desacelerado significativamente, o povo e a natureza estão se adaptando às mudanças climáticas, e os serviços ligados às espécies e aos ecossistemas dão base ao bem-estar humano numa sociedade comprometida com o desenvolvimento económico sustentável e a divisão igualitária dos recursos naturais.

O Grupo Colaborativo sobre a Biodiversidade Africana (“Africa Biodiversity Collaborative Group” - ABCG) é uma parceria de organizações de conservação baseadas nos Estados Unidos, que mantêm programas de campo na África. Os membros incluem: African Wildlife Foundation, Conservation International, Jane Goodall Institute, The Nature Conservancy, Wildlife Conservation Society, World Resources Institute, e World Wildlife Fund.

Em setembro 2008, a ABCG, com o suporte da IUCN, convocou em Dar es Salaam, Tanzânia um grupo de especialistas em conservação da biodiversidade africana. O grupo produziu esta Declaração de Visão, que tem sido amplamente circulada e refinada desde então. É um documento vivo, que continuará a evoluir conforme os conservacionistas africanos e seus aliados e apoiantes em todo o mundo aprendem com e se adaptam ao meio ambiente complexo e em rápida transformação.



Ao ano 2025, a degradação ambiental e a perda da biodiversidade na África têm sido desacelerado significativamente, o povo e a natureza estão se adaptando às mudanças climáticas, e os serviços ligados às espécies e aos ecossistemas dão base ao bem-estar humano numa sociedade comprometida com o desenvolvimento económico sustentável e a divisão igualitária dos recursos naturais.



Este projecto foi possível graças ao apoio generoso do povo americano através da Agência dos Estados Unidos para o Desenvolvimento Internacional (USAID) nos termos do Acordo de Cooperação número RLA-A-00-07-00043-00 sob LAG-A-00-99-00048-00. Os conteúdos são da responsabilidade do Grupo Colaborativo sobre a Biodiversidade Africana (ABCG) e não necessariamente refletem os pontos de vista do USAID ou do governo dos Estados Unidos. Esta brochura foi produzida pela IUCN/US em nome da ABCG.



Execução da visão

1. Integrar biodiversidade nas agendas do bem-estar humano e do desenvolvimento

Vincular e harmonizar a conservação da biodiversidade com as avaliações de vulnerabilidade climática e aos esforços de mitigação. Esclarecer o conceito de adaptação climática. Coordenar a implementação de diferentes convenções a fim de evitar duplicação e redundância. Fortalecer os estados.

Prestar atenção à crescente escassez de água, principalmente considerando a necessidade de aumentar a produtividade agrícola. Em geral, mais atenção deve ser dada à harmonização dos Objetivos de Desenvolvimento do Milênio, porque a implementação descontrolada dos objetivos para água e produção de alimentos, entre outros objetivos, podem opor-se uns aos outros. Parcerias inter-setoriais são necessárias.

Mitigar e adaptar às alterações climáticas para a biodiversidade e o povo (incluindo o seguinte: assegurar que a África desempenhe um papel importante na mitigação das alterações climáticas; manter baixas as emissões de gases de efeito estufa da África; vincular regimes de créditos de carbono à redução da pobreza e à conservação da biodiversidade; integrar a ciência nas avaliações de vulnerabilidade; empreender esforços concentrados na mitigação e prontidão para desastres; promover colaborações e parcerias multi-setorial e multi-nível; e "networking" (redes de relacionamentos) para compartilhar soluções).

Empregar os serviços ligados à biodiversidade e ao ecossistema para a melhoria da agricultura (incluindo o seguinte: aumentar a produtividade e os rendimentos agrícolas e melhorar a segurança alimentar; adotar abordagens de agricultura de conservação ou "ecoagricultura").

Realçar a responsabilidade das instituições do setor privado para a sustentação da biodiversidade e os serviços ligados ao ecossistema (incluindo o desenvolvimento de alternativas; promoção da eficácia de combustível e fontes alternativas de energia; e limitação de pressão sobre fontes de água doce através de uma utilização mais eficiente da água).

Promover a restauração / reabilitação de sistemas degradados e dos recursos naturais (incluindo pesquisa, monitoração, e avaliação dos sistemas de montanha, floresta, áridas, savana, manguezais, corais, e de água doce), a fim de proporcionar meios de subsistência e ao mesmo tempo aumentar a biodiversidade.

Reforçar o papel dos ecossistemas saudáveis na redução de riscos e do impacto de doenças emergentes (por exemplo, redução dos riscos de transferência de doenças entre a fauna selvagem, os seres humanos e o gado; mitigação dos impactos de doenças emergentes sobre a vida selvagem e o meio ambiente).



2. Promover boas práticas de conservação

Aperfeiçoar abordagens de paisagem para a gestão de recursos naturais, empregando uma abordagem matricial para a integração horizontal de actividades. Trabalhar dentro da paisagem para compreender o relacionamento entre fatores tais como as doenças infecciosas emergentes, a produtividade alimentar e as alterações ambientais, incluindo especialmente as alterações climáticas, as mudanças de uso e cobertura vegetal do solo, e as espécies invasoras.

Melhorar a monitorização das alterações climáticas e das mudanças no uso e na cobertura vegetal do solo. Especificamente, estender o uso de satélites de observação da terra para a África. Identificar os indicadores e as ferramentas-chaves para medir-los, incluindo indicadores acessíveis ao nível da comunidade. Desenvolver sistemas de alerta precoce para as alterações climáticas a fim de proteger as comunidades e os ecossistemas vulneráveis.

Conservar a biodiversidade existente (através de gestão eficaz das áreas protegidas e das espécies ameaçadas de extinção, e adoção de uma abordagem matricial de conservação utilizando amplas paisagens ou "landscapes").

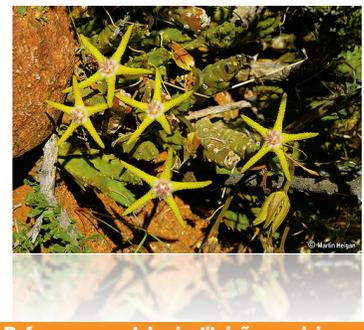
Promover o desenvolvimento prudente do turismo de natureza (incluindo o empoderamento e o reforço da capacidade das comunidades locais para que tenham maior controle e propriedade do ecoturismo).

Demonstrar que a biodiversidade e os serviços ligados aos ecossistemas são uma base fundamental para o bem-estar humano (promoção da segurança dos meios de subsistência, e redução de pressão sobre a biodiversidade através de atividades económicas alternativas).

Promover a boa governação e as abordagens baseadas nos direitos humanos (promoção dos direitos das populações locais, a repartição de benefícios, a capacitação civil, a garantia de acesso dos interessados às informações e aos processos decisórios, a capacitação das mulheres, o empreendimento de abordagens e parcerias multisectoriais, e promoção da boa política em todos os níveis).

Estimular mecanismos inovadores para o financiamento da conservação (incluindo a promoção de investimento na conservação e novos mecanismos de financiamento, e a promoção de remuneração por serviços ligados aos ecossistemas).

Concentrar-se nas ligações entre o HIV/AIDS e a gestão dos recursos naturais utilizando estratégias de enfrentamento para lidar com os impactos da doença nos recursos humanos para a conservação, no aumento do uso de recursos naturais, e nas mudanças no uso do solo.



3. Reforçar o papel das instituições sociais e instituições de desenvolvimento na conservação da biodiversidade e no bem-estar humano

Apoiar as inovações africanas. Identificar os pontos fortes africanos. Unir os doadores com implementadores. Ajudar a preparar projectos de pesquisas e projectos piloto que são relevantes para as necessidades africanas, e a intermediar estes projectos aos doadores.

Contactar comunidades de fé para diálogo e colaboração. A urgência global para um mundo sustentável exige abordagens multidimensionais e uma ênfase persistente dos ideais baseados em estratégias inovadoras e pragmáticas. Comunidades de fé constituem as maiores organizações sócias na África, e representam um repositório de oportunidades para divulgar a causa de sustentabilidade no continente. Os líderes da conservação devem contactar as comunidades religiosas para colaborar na implementação destas recomendações, com o objectivo de reforçar a capacidade para decisões que promovem a sustentabilidade e que estabelecem a conexão entre a natureza e o bem-estar humano.

Abordar organizações de assistência à vítimas de desastres e de desenvolvimento para abrandar os impactos da migração, do HIV/AIDS, e do crescimento natural da população (incluindo melhoria do acesso aos serviços de saúde, da conscientização e prevenção contra o HIV, e dos serviços e informações sobre planeamento familiar; promoção de educação de meninas e da capacitação das mulheres; e redução dos impactos da migração).

Melhorar a alfabetização ambiental em todos os setores da sociedade, e apoiá-lo através de uma melhoria na recolha e no intercâmbio de informações. Tornar os modelos climáticos e modelos da biodiversidade mais acessíveis ao público. Desenvolver estratégias de mitigação e adaptação às alterações climáticas que são centradas na comunidade, e apoiadas por processos participativos. Garantir acesso às informações tais como aos benefícios. Estender o discurso através das formas comuns de organização social africana, principalmente as comunidades de fé. Fornecer intercâmbio horizontal de aprendizagem através de uma rede de pares, para abordar questões tais como a adaptação climática. Traduzir o conhecimento, desenvolver a capacitação da comunidade, e tornar as experiências compartilhadas acessíveis às comunidades.

